



A METAFÍSICA DO PÓ: ANÁLISE DO ENSAIO *PALINODIA DEL POLVO*, DE ALFONSO REYES

BASSO, Elis Regina (UNIOESTE)¹

RESUMO: Objetiva-se analisar o ensaio *Palinodia del polvo* (2004) do mexicano Alfonso Reyes. Inicia-se com a problematização do gênero literário ensaio, que se baseia em: Gómez Martínez (1992), Moisés (2004), Skirius (2004) e Vitier (1945) juntamente com o estudo da escritura de Reyes, que se ocupa de Oviedo (1991; 2002); Maestre (2003) e Parra Triana (2014). Para a compreensão dos elementos simbólicos presentes no ensaio, vale-se de Chevalier e Gheerbrant (2009). Para o entendimento das referências à Filosofia usa-se Japiassú e Marcondes (2001) e Costa (2005); já Silva (2007) e Jafelicci Junior e Varanda (1999), no que concerne à Física. Infere-se que o ensaio alfonsino é riquíssimo e hermético, pois relaciona o elemento pó com diferentes áreas do saber: Filosofia, Física e Literatura; além de fazer uma crítica a destruição do *Valle de México*.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio; Literatura; pó.

ABSTRACT: In this study, aims to analyze the test *Palinodia del polvo* (2004) by the Mexican Alfonso Reyes. It begins with the questioning of the literary genre essay, which is based on: Gómez Martínez (1992), Moisés (2004), Skirius (2004) and Vitier (1945) herewith the study of Reyes scripture, which deals with Oviedo (1991; 2002); Maestre (2003), and Parra Triana (2014). To understand the symbolic elements in the essay, bases in Chevalier and Gheerbrant (2009). To understand the references to Philosophy is used Japiassú and Marcondes (2001) and Costa (2005); already Silva (2007) and Jafelicci Junior Balcony (1999), concerning the Physics. It is inferred that the "alfonsino" test is rich and airtight, because it relates the dust element with different areas of knowledge: Philosophy, Physics and Literature; beyond a critical destruction of the *Valle de México*.

KEYWORDS: Essay; Literature; dust.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como *corpus* o ensaio *Palinodia del polvo* que foi escrito, em 1940, pelo mexicano Alfonso Reyes. Aqui, utiliza-se a versão de 2004. Acerca

de seu autor, José Miguel Oviedo (2002, p. 138, tradução nossa²) assevera que “A obra de Reyes é um oceano em variedade de tons e na amplitude de visão: encontramos de tudo e em todos os gêneros”³, por isso, Reyes é um dos mais importantes escritores da América Latina, foi poeta, ensaísta, crítico, tradutor, além de diplomata e jornalista.

Acrescenta-se o fato de sua escrita não ser homogênea, isto é, possuir uma mistura estética, ele escrevia ensaios de forma lírica, tratados com características da crônica, filosofia como memórias pessoais, para citar alguns exemplos expostos por Oviedo (2002). Diante desta imensidão literária ocupa-se de *Palinodia del polvo*, ensaio que apresenta uma vasta quantidade de referências a estudiosos de diferentes áreas, circulando, assim, por distintos campos do saber: a Literatura, a Física e a Filosofia.

De acordo com o *Diccionario de la Real Academia Española*, *Palinodia* significa: retratação pública do que se falou, ou melhor, é uma revogação do que se disse. *Palinodia del polvo* pode ser considerada, então, uma retratação do que foi escrito em 1915, pelo próprio Reyes, no ensaio *Visión de Anahuác*. Neste texto, Reyes retrata o México como a região mais transparente do ar e com fauna e flora riquíssimas, pois bem, algo mudou depois de vinte e cinco anos, isto é, houve câmbios entre a escrita do ensaio de 1915 e a publicação de *Palinodia del polvo*, em 1940.

Conforme Chevalier e Gheerbrant (2009, p.727, grifos dos autores) “[...] a poeira é comparada ao sêmen, ao pólen das flores” o que indica nascimento, visto que o homem nasceu da terra; entretanto “a poeira é às vezes **signo de morte**”. Considerando que Reyes (2004) pretendia fazer uma retratação a um ensaio no qual elogiava o México é provável que esta “poeira” signifique algo negativo, ou ainda, que o seu país passou a ser a região mais poeirenta do ar.

A seguir apresentam-se vários teóricos e diferentes opiniões sobre o gênero literário ensaio, os principais autores latino-americanos e a importância de Alfonso Reyes neste panorama.

ALFONSO REYES E O ENSAÍSMO HISPANO-AMERICANO

Conforme o ensaísta espanhol José Luis Gómez Martínez (1992, p. 17), nos últimos anos, “[...] tanto os escritores quanto os editores denominam ‘ensaio’ a tudo aquilo difícil de agrupar nas tradicionais divisões dos gêneros literários”⁴ [Tradução nossa] visto que é “[...] praticamente impossível estabelecer com rigorosa precisão os limites do ensaio”. (MOISÉS, 2004, p. 146). Consoante o brasileiro Massaud Moisés (2004, p. 146), Michel de “Montaigne foi quem criou o ensaio e a sua denominação,

ao batizar os seus escritos de *Essais*, publicados em 1580”; ideia corroborada por Gómez Martínez (1992), o qual acrescenta que o filósofo francês foi o primeiro a utilizar o termo “ensaio” em sua acepção moderna.

O teórico brasileiro afirma que o ensaio é escrito em prosa, na vertente didática, mas pode ser em verso, já que os gêneros não se distinguem apenas pela forma. O autor acrescenta que “[...] o ensaio pode ser literário, filosófico, antropológico, sociológico” (MOISÉS, 2004, p. 146), o que está intimamente relacionado ao conteúdo nele abordado.

De acordo com Gómez Martínez (1992), os estudiosos da Literatura que se ocuparam do ensaio não chegaram a uma definição satisfatória; de modo que diversas são as definições para este gênero literário, tanto dos críticos, quanto dos próprios ensaístas. Expõe-se o que pensa Alfonso Reyes, para quem o ensaio é o:

[...] centauro dos gêneros, onde há de tudo e cabe tudo, próprio filho caprichoso de uma cultura que não pode já responder ao mundo circular e fechado dos antigos, mas à curva aberta, ao processo em marcha, ao ‘etcétera’ cantado já por um poeta contemporâneo preocupado com a filosofia (REYES apud SKIRIUS, 2004, p. 11).
[Tradução nossa]⁵

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 219), centauros são “seres monstruosos da mitologia grega, cuja cabeça, braços e troncos são os de um homem, e o resto do corpo e as pernas de um cavalo”, tratam-se de animais híbridos. Deste modo, a partir da metáfora do centauro, Reyes considera um ensaio um gênero misto, híbrido, metade ciência, metade Literatura.

No que concerne à citação de Reyes, é possível compreender que o ensaio é um gênero em constante mudança, é aberto, escrito por alguém que se preocupa com as indagações humanas e que tenha uma alma poética. O intelectual cubano Medardo Vitier (1945, p. 45) pensa de modo semelhante, quando assevera que “Entrecruzam-se na prosa do ensaio elementos de outras categorias literárias, sobretudo da didática e da poesia”.⁶ [Tradução nossa] Talvez o elemento poético seja no sentido de dar um novo matiz as trivialidades da vida; a partir do singelo, fazer Literatura.

Acerca do ensaio na América Ibérica, Gómez Martínez (1992) afirma que este gênero inicia com José Joaquín Fernández de Lizardi e Simón Bolívar na luta ideológica pela independência. O autor acrescenta que, na busca pela própria identidade, a Literatura Ibero-Americana caracteriza-se por uma vasta produção ensaística que se estende até a atualidade. O que vem ao encontro da opinião de Oviedo (1991), o qual defende que o ensaio moderno surgiu antes na América Latina

do que na Península Ibérica.

Para Gómez Martínez (1992), os ensaístas ibero-americanos que mais se destacam são: Eduardo Mallea, Jorge Luis Borges, Germán Arciniegas, Mariano Picón Salas, Ernesto Sábato, Arturo Uslar Pietri, Héctor A. Murena, Julio Cortázar, Ariel Dorfman, Mario Benedetti, Alfonso Reyes, Leopoldo Zea, Carlos Monsiváis e Rosario Castellanos; sendo os quatro últimos mexicanos.

Gómez Martínez (1992, p. 26) assevera que “[...] o subjetivo [é] ao mesmo tempo a essência e a problemática do ensaio”⁷ [Tradução nossa], pois a subjetividade é uma característica comum aos ensaios, porém pode causar ambiguidade e é difícil de ser definida.

O autor de *Teoría del ensayo* argumenta que “Na história do ensaísmo não é possível falar de escolas, unicamente de ensaístas e de imitadores” (GOMÉZ MARTÍNEZ, 1992, p.27)⁸, pois a personalidade de ensaístas de uma mesma época é distinta, de maneira que os temas a serem explorados e o modo como isto se dá também varia, porque a subjetividade é a essência do ensaio.

Gómez Martínez (1992, p. 33) afirma que “Quando digo que o ensaio é uma forma de pensar, quero indicar que está escrito ao transcorrer da pluma, como diálogo íntimo do ensaísta consigo mesmo”⁹, assim, este gênero literário está intimamente relacionado com o filosofar, o refletir sobre a vida, sobre as coisas do mundo, por isso, pode lhe ser atribuído um caráter humanista.

Conforme o escritor espanhol, no ensaio não se busca provar nada, apenas incitar, sugerir. Para ilustrar o raciocínio anterior, Gómez Martínez (1992, p. 46) cita as palavras do próprio Alfonso Reyes: “Eu mesmo ando dando voltas no ar faz tempo, a vossos olhos, nas asas da imaginação. Convém freiar. Só quis, nesta conversa sem pretensões, excitar-lhes”.¹⁰ [Tradução nossa]. Fica evidente, com esta citação, que inerente ao ensaio está o ato de pensar, tanto para quem escreve, quanto para quem lê.

Consoante Gómez Martínez (1992), o ensaísta possui três características essenciais: ser um pensador; nutrir-se da tradição e superá-la e escrever em um estilo pessoal e de elevado valor estético. Reyes é mais do que um pensador, é um humanista, pois escreveu sobre tão variados temas, motivo pelo qual recebeu a adjetivação de “polígrafo”; de modo que seus textos são indiscutivelmente obras de arte.

De acordo com Oviedo (1991), Alfonso Reyes fez parte do grupo de pensadores mexicanos que se formou no *Ateneo de la Juventud* (1909-1914); juntamente com José Vasconcelos, Antonio Caso e o dominicano Pedro Henrique Ureña. Eles discutiam questões no campo da Filosofia, da Crítica Literária e da Estética, além de reflexões americanistas. Para Oviedo (1991, p. 76), com Reyes “[...] o

gênero se torna uma elevada manifestação estética, um presente que a arte dá ao saber mais rigoroso”¹¹ [Tradução nossa]; pois Reyes se interessava por qualquer assunto e sabia falar sobre tudo assemelhando-se aos humanistas da época renascentista, como compara Oviedo (1991).

O catedrático espanhol Agapito Maestre (2003, p.1) afirma que “Reyes é toda uma biblioteca para compreender o mundo. Para viver”¹² [Tradução nossa]. Assim, por seu saber enciclopédico, Oviedo (1991) o compara com Desiderio Erasmo (1466-1536), Tomás Moro (1478-1535), Michel de Montaigne, Sor Juana Inés de la Cruz (1648-95), Denis Diderot (1713-84) e, sobretudo, com Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). E conclui que “A obra de Reyes é um oceano na variedade de tons e na amplitude de visão; difícil escolher [um] entre seus livros, porque até nos de intenção e alcance menores há sempre uma paisagem iluminadora e inesquecível” (OVIEDO, 1991, p. 79)¹³ [Tradução nossa], pois, para o polígrafo regiomontano, a vida era conhecimento, o conhecimento era a sua vida.

A pesquisadora Carla María Parra Triana (2014, p. 52) assevera que Reyes realizou “[...] exercícios de inteligência crítica a partir de [...] [sua] própria experiência lecto-criadora”¹⁴ [Tradução nossa], por isso, seus ensaios são tão ricos e diversos, já que sua constituição como sujeito está indissociável de sua constituição como leitor; de modo que seu conhecimento de mundo se reflete e se refrata em sua escritura.

Diante do exposto, infere-se que um ensaio que relaciona o elemento pó com a Filosofia, a Física e a Literatura, além de falar sobre a destruição de um vale – o *Valle de México* – só poderia ser escrito por raras pessoas. Por gente humanista, estudiosa de diversos campos do saber, conhecedora da Literatura Universal e também da Literatura local. Tem-se a Alfonso Reyes e sua obra *Palinodia del polvo*, que é analisada em sequência.

A METAFÍSICA DO PÓ: REFERÊNCIAS À FILOSOFIA, À FÍSICA E À LITERATURA

O ensaio *Palinodia del polvo* começa com algumas indagações: *¿Es ésta la región más transparente del aire? ¿Qué habéis hecho, entonces, de mi alto valle metafísico? ¿Por qué se empaña, por qué se amarillea?* (REYES, 2004, p. 211). Depois, o escritor regiomontano ocupa-se de descrever como vê o local agora. Ele escreve que caem sobre o vale fogos insensatos de redemoinhos de terra, isto é, o pó destrói o lugar. Acrescenta que sobre o vale caem mantos de sépia, cor avermelhada extraída de um molusco de nome homônimo, o adjetivo designa a coloração do pó, cor que faz com que a paisagem seja comparada a uma estampa velha, a *stickers* antes

de serem colados, a uma folha murcha antes do tempo; imagens que atribuem ao vale um ar de morbidez.

Reyes (2004, p. 211) afirma que: *“Mordemos [os mexicanos] con asco las arenillas. Y el polvo se agarra en la garganta, nos tapa la respiración con las manos. Quiere asfixiarnos y quiere estrangularnos”*. Observa-se que o pó dificulta a respiração, asfixia, o que pode ser comparado a poluição atmosférica, principalmente, a causada pela eliminação de monóxido de carbono (CO), nas grandes cidades atuais. Após, escreve que chegam descargas invisíveis de pó, uma dinamite de micróbios, porque pode causar doenças e mortes, átomos que se levantam, energia da criação que se sente inútil.

Segundo o Dicionário Eletrônico Michaelis da Língua Portuguesa, na Física, o estado é a maneira como a matéria ponderável se apresenta, que pode ser líquido, sólido ou gasoso. Quando Reyes (2004, p. 211) escreveu: *“[...] venganza del polvo, lo más viejo del mundo. Último estado de la materia”* denominou a poeira de último estado da matéria porque ela é um dos elementos mais pequenos presentes na Terra, conforme definição do Dicionário Eletrônico Michaelis da Língua Portuguesa, a poeira é “qualquer matéria dividida em partículas tenuíssimas e que pairam na atmosfera”. Assim, qualquer objeto em estado sólido pode virar pó, sendo este seu último estado.

O regiomontano defende que a poeira nasceu da benção (que é consagrar ao divino) da água e que primeiro seria um mineral, para então, ser uma partícula diminuta. Define o pó como o estudo microscópico das coisas, caminho do nada, desmoronamento da falta de ação, daquilo que não se move, *“entropía”*, ou seja, o que não é utilizado. E repete: *“[...] venganza y venganza del polvo, lo más bajo del mundo”* (REYES, 2004, p. 212). Percebe-se que o pó deseja se vingar, o que é reforçado pela reiteração realizada pelo ensaísta mexicano.

Reyes (2004, p. 212) exclama: *¡Oh desecadores de lagos, taladores de bosques! ¡Cercenadores de pulmones, rompedores de espejos mágicos”*. Assim, ele critica os próprios mexicanos que destruíram o vale, visto que, em 1940 – quando da escrita de *Palinodia del polvo* – não havia mais astecas, nem os espanhóis tinham domínio sobre o México. O ensaísta os chama de cerceadores de pulmões, devido à dificuldade de respirar na poeira e quebradores de espelhos mágicos, metáfora para uma vida perfeita, para o vale de antes, o de VA. O escritor chega a dizer que as montanhas da rocha andesita - diminutivo de Cordilheira dos Andes - cairão, que a montanha que protege os mexicanos será absorvida por um funil preto giratório, o vale virará um amontoado de lixo, desaparecerá.

Conforme a descrição alfonsina, o pó está cansado dos homens que querem urbanizar tudo, que apertam o pó contra o solo, ele está cansado de esperar séculos

e séculos; joga-se contra as flores, as casas, as ruas e contra a cavalaria de Átila (406-453), último rei dos Hunos; há a lenda de que por onde as patas de seu cavalo pisassem não voltaria a crescer grama). Novamente repete que o pó quer se vingar. Reyes (2004) acrescenta que quando os mexicanos forem formigas andarão pelas ruas cheias de fiapos, acumularão penugens, incapazes da unidade, do indivíduo, da arte, do espírito.

O escritor lamenta que o vale desaparecerá, que as próximas gerações não o conhecerão. Escreve que o vale é figura de castigos bíblicos, como o dilúvio e as pragas no Egito. Um local a ser dizimado por uma poeirada poderia ser um castigo, chega a chamá-la de catástrofe geológica.

Alfonso Reyes (2004, p. 213) escreve: "*Nápoles y México: suciedad y canción, decía Caruso*". Assim, ele menciona Enrico Caruso (1873-1921), tenor italiano, nascido em Nápoles. Esta cidade e México são terras de separações vulcânicas, filhas do fogo, mães da cinza, como aponta o ensaísta.

O escritor mexicano faz alusão a outras figuras importantes, como Odisseu (personagem de Ilíada e Odisseia, de Homero): "*Un Odisseo terreno, surcado de cicatrizes, fuma en ella su filosofia disolvente*" (REYES, 2004, p. 213). Deste modo, só um Odisseu pode resistir à poeira e observar que resta apenas um compêndio de lava, o vale se foi. Como se a dizimação do vale fosse parte de uma Odisseia, uma Odisseia mexicana.

De acordo com Reyes (2004), um dia, o novelista, poeta e escritor britânico Robert Louis Stevenson (1850-1894) disse para si mesmo que toda matéria produz contaminação poeirenta, que tudo se une pela sujeira. O autor mexicano menciona também o escritor, poeta e desenhista britânico Jonh Ruskin (1819-1900), quando lhe pergunta qual seria a ética do pó, isto é, o que move a poeira, por que ela vive. O próprio Reyes (2004, p. 213) responde: "*En el polvo se nace, en él se muere*". Este enunciado está presente na bíblia, quando Deus fala ao homem "[...] porque és pó, e em pó te hás de tornar" (GEN, 3:19, p. 51). Por isso, o escritor mexicano afirma que o pó é alfa e ômega, que são, respectivamente, a primeira e a última letras do alfabeto grego; são comumente usadas com a significação de o princípio e o fim das coisas, no caso, da vida.

Reyes (2004) indaga a possibilidade de o pó ser o verdadeiro Deus, o criador de tudo. Responde que talvez o pó seja o próprio tempo, aquele que sustenta a consciência; pode ser que o pó se confunda com o instante, duas coisas tão pequenas e ínfimas, mas que em grande quantidade fazem tamanha diferença. O ensaísta cita Zenão de Eleia, filósofo grego, conhecido por elaborar paradoxos, como aponta Costa (2005), por isso o mexicano diz que ele fez uma aporia ao negar o movimento.

O escritor mexicano é irônico ao escrever: *"Aquiles de alígeras plantas que jadea en pos de tartaruga"* (REYES, 2004, p. 2013); querendo dizer que não há como negar o movimento, basta comparar como o herói grego é descrito: como se tivesse a velocidade de uma tartaruga. *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) é citado: *"Detente. ¿Eras tan bello!"* (REYES, 2004, p. 213). O adjetivo "bello" se refere ao pó, que, ressalta-se, era belo, no passado. O ensaísta faz menção à lei do menor esforço do matemático e cientista francês Pierre de Fermat (séc. XVII-1665). O princípio de Fermat, na Ótica, estabelece que a luz ao se propagar de um espaço a outro o faz com o mínimo esforço¹⁵. Assim, Reyes (2004) defende que o ser percebe por unidades, a mente tece uma ilusão de continuidade. De modo que o sujeito cria uma "aritmética biológica", a noção de números cardinais (1,2,3 ...), a noção de sequência, que fala o escritor e editor francês Charles Henry (1859-1926). Para o mexicano, nesta mesma noção, repousa a teologia do teólogo e filósofo italiano São Tomás de Aquino (1225-1274).

Reyes (2004) defende que este borrão de pontos estáticos sucessivos, ou as unidades temporais que dão ilusão de continuidade, ou ainda a noção de sequência, depositam, no âmago da alma, o fluir bergsoniano. Faz, assim, referência ao filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), que, como destacam Japiassú e Marcondes (2011, p. 26), faz a distinção entre "tempo (*temps*) e duração (*durée*), sendo que esta última instância, o 'tempo real', só pode ser apreendida intuitivamente e não como sucessão temporal". Assim, para o francês, o tempo é um todo indivisível e coeso, teoria que Reyes (2004) concorda.

O escritor mexicano afirma: *"Las mónadas irreducibles de Leibnitz se traban como átomos ganchudos"* (REYES, 2004, p. 213-214). Conforme o *Diccionario de la Real Academia Española*, na Filosofia, *mónadas* são: *"cada una de las sustancias indivisibles, pero de naturaleza distinta, que componen el universo, según el sistema de Leibniz, filósofo y matemático alemán del siglo XVII"*. Assim, estas substâncias indivisíveis também remetem à continuidade, pois são inseparáveis. Na sequência, Reyes (2004) continua a divagar sobre o tempo.

O ensaísta regionomontano assevera que: *"La filosofía natural"¹⁶ se debate en el conflicto de lo continuo y lo discontinuo, de la física ondulatoria, enamorada de su éter-caballo, y la física corpuscular o radiante, sólo atenta al átomo-jinete. El polvo ¿cabalga en la onda o es la onda?"* (REYES, 2004, p. 214). Deste modo, conforme Silva (2007), Isaac Newton (1643-1727) formulou a teoria corpuscular, na qual a luz era formada por três pequenas partículas (corpúsculos) que eram emitidas a partir das fontes luminosas, estas partículas viajavam em linha reta a uma velocidade altíssima. Já a teoria ondulatória foi formulada pelo físico holandês Christiaan Huygens (1629-

1695), para ele, a luz estava formada por ondas mecânicas que se propagavam através do éter cósmico (substância utilizada no experimento) a uma velocidade altíssima, como aponta Silva (2007). Assim, a problemática gira em torno de a luz ser ondulatória ou corpuscular; mas o que nos interessa é a continuidade, a sequência, a passagem do tempo. Sendo que em ambas as teorias a luz viaja em uma velocidade muito alta. Por conta disto, Reyes (2004) se pergunta se o pó cavalga na onda ou é a onda. Já que, conforme o Dicionário Eletrônico Michaelis da Língua Portuguesa, na Física, ondas são “[...] linhas ou superfícies concêntricas que se produzem numa massa fluida quando um dos pontos desta recebeu um impulso” esta perturbação ocorre em um dado espaço e tempo. Por isso as teorias acerca da continuidade, do tempo e sua relação com a poeira são problematizadas, ele quer compreender esta matéria. Se a poeira for onda ela é uma continuidade no tempo, aí é poderosíssima, talvez, neste caso, seja alfa e ômega, mas se cavalgar na onda ela é apenas uma matéria a serviço do tempo, algo maleável pelo tempo, como os homens.

As divagações de Reyes (2004, p. 214) sobre o tempo continuam:

El cálculo infinitesimal mide el chorro del tiempo, el cálculo de los cuantos clava sus tachuelas inmóviles. ¿La síntesis? La continuidad, dice Einstein, es una estructura del espacio, es un “campo” a lo Faraday. La unidad es foco energético, fenómeno, átomo, grano tal vez de polvo.

Assim, o ensaísta escreve ainda que o cálculo infinitesimal mede o jato do tempo, o cálculo da quantidade de “quantos” cravam seus percevejos imóveis. Ele cita o físico alemão Albert Einstein (1879-1955), para quem, a continuidade é uma estrutura do espaço-tempo, é um “campo” a la Faraday¹⁷, pois este inglês propôs o conceito de linhas de campo, as linhas de luz tinham uma concepção de realidade semelhante a ideia de fluxo, em 1821, como destaca Silva (2007). Deste modo, considerando que o tempo é construído de continuidades, de fragmentos de momentos que são unidades, o instante pode ser um grão de pó e a poeirada um amontoado de instantes, minutos, horas talvez, quem sabe dias ou ainda meses, se for muito forte pode-se até falar em anos, décadas ou séculos.

Reyes (2004, p. 214) escreve que: *“Heráclito, maestro del flujo, se deja medir a palmos por Demócrito, el captador de arenas. El río, diría Góngora, se resuelve en un rosario de cuentas”*. Portanto, para Reyes (2004), o filósofo grego Heráclito de Éfeso (535-475) é o mestre do fluxo. Conforme asseveram Japiassú e Marcondes (2011, p. 91), para Heráclito, “[...] tudo é movimento [...] nada permanece o mesmo. As coisas estão numa incessante mobilidade. E a verdade se encontra no devir”. Deste pensamento é que provêm os ditados populares: “não se banha duas

vezes no mesmo rio” e “um raio não cai duas vezes no mesmo lugar”. O mexicano afirma que a visão de Heráclito, de modo tímido, assemelha-se à do filósofo grego Demócrito de Abdera (460-370 a.C.), o captador de areias, pois ele desenvolveu o atomismo, doutrina filosófica elaborada por Leucipo, de acordo com Japiassú e Marcondes (2011). Acerca do átomo, os autores afirmam que, “Na física grega, de Demócrito e Epicuro, [é a] partícula indivisível da matéria. Os átomos são eternos, imutáveis” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2011, p. 50). Assim, para Demócrito, tudo o que existe é composto por átomos, elementos indivisíveis. Deste modo, o mundo é movido pelo movimento, sendo que tudo o que existe é composto por átomos, que são indivisíveis; talvez Reyes (2004) quis dizer que os átomos podem ser comparados a instantes de tempo, ambos infinitamente pequenos. O religioso, poeta e dramaturgo espanhol Luis de Góngora Y Argote (1561-1627) também aparece, para quem, o rio se desfaz, divide-se em um rosário de contas; provavelmente significando que o rio era criação divina e que se dividia em várias partes, as gotas de água são comparadas as contas do terço.

O escritor mexicano recria, porque há relatos sobre, o momento em que Demócrito ao observar a poeira que brilha através dos raios solares reflete sobre a relação entre o pó, o átomo e a matéria, dando início possivelmente a teoria atômica. Reyes (2004) escreve sobre o que seriam as conclusões do filósofo grego:

[...] átomo material, que no existiría sin el polvo. Él átomo es el último término de la divisibilidad en la materia. [...] Sin el átomo, la materia sería destrozable y no divisible. Todo conjunto es una suma, un acuerdo de unidades. Por donde unidad y átomo y polvo vuelven a ser la misma cosa”. (REYES, 2004, p.214-215).

Tem-se aí a conclusão a que Reyes (2004) queria chegar, a de que a unidade, o átomo e o pó são a mesma coisa; a continuidade do mundo depende deles. Entretanto, o pó também é a desintegração da matéria que se divide em diversos átomos; trata-se de um elemento paradoxal.

Reyes (2004) assevera que a ciência ainda não concebeu a dignidade que o estado poeirento merece, ao lado dos estados líquido, sólido e gasoso. Ele defende as propriedades do pó, como a aptidão para os sistemas coloidais¹⁸, onde nasce a vida, e sua disposição para a catálise¹⁹, provavelmente por se desprender da superfície.

O ensaísta encerra seu texto com as perguntas: “¿Será que el polvo pretende, además, ser espíritu? ¿Y si fuera el verdadero Dios?” (REYES, 2004, p.215). Pode ser que ele quis dizer que, pelo fato de o pó ser tão pequeno ele poderia ser um espírito ou o criador do universo, pois juntamente com o átomo forma unidades que dão origem a matéria, isto é, permitem a criação da vida. Apesar de sua crítica inicial ao

fato de o vale estar repleto de poeira, ele reverenciou esta matéria, concedeu-lhe sua importância, visto que a situação destrutiva do local foi causada pelos homens.

Quem sabe, se o vale virar pó, devido ao seu poder criador, não nasça de lá outras matérias, outras vidas ressurgam, entretanto, a história do vale contida na arquitetura de suas construções, na fauna e na flora, nas montanhas e nas rochas, enfim, as memórias do local se perderão para sempre, a memória física claro, porque a memória humana poderá resgatar lembranças da vida no vale. Porém, a cidade se perde, *Tenochtitlán* e *Ciudad de México* passam a ser um turbilhão de átomos, de unidades descontinuadas; justamente o que Reyes (2004) clama para que não aconteça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio *Palinodia del polvo* é um texto de cunho filosófico, inicialmente Reyes (2004) escreve sobre o pó que recobre o vale de México, critica àqueles que o dissecaram e o desmataram, diz que o local parece estar sem vida. Diferente daquele lugar descrito em *Visión de Anahuác*, que era rico na fauna e na flora.

Reyes traz algumas artistas e personagens mitológicas que, por meio de pensamentos ou ações, podem ser relacionadas à poeira: Ulisses, Stevenson, “Fausto” de Goethe, Ruskin, Caruso, Aquiles e Charles Henry; além de filósofos: Zenão, Fermat, São Tomás de Aquino, Demócrito, Heráclito, Leibniz, Einstein, Faraday que possuem teorias que, de alguma forma, possuam afinidade com o elemento pó. Deste modo, Reyes disserta sobre pó relacionando as teorias e as pessoas supracitadas, divagando sobre a possibilidade de o pó ser o criador de tudo, ser Deus.

Inferre-se que a análise ora apresentada é apenas umas das várias possíveis, acerca do ensaio *Palinodia del polvo*. Quiçá campo de pesquisa para estudiosos de outras áreas do saber, como a Filosofia e a Física, devido às características já expostas, do *corpus* em questão.

NOTAS

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2015). Professor colaborador do Curso de Letras da UNIOESTE.

² Todas as traduções presentes neste estudo foram realizadas pelas autoras.

³ Versão original: “La obra de Reyes es un océano en variedad de tonos y en amplitud de visión: encontramos de todo y en todos los géneros”.

⁴ Versão original: “[...] tanto los escritores como los editores han dado en denominar ‘ensayo’ a todo aquello difícil de agrupar en las tradicionales divisiones de los géneros literarios”.

⁵ Versão original: “[...] centauro de los géneros, donde hay de todo y cabe todo, propio hijo caprichoso de una cultura que no puede ya responder al orbe circular y cerrado de los

antiguos, sino a la curva abierta, al proceso en marcha, al 'etcétera' cantado ya por un poeta contemporáneo preocupado de filosofía (REYES apud SKIRIUS, 2004, p. 11).

⁶ Versão original: "Se entrecruzan en la prosa del ensayo elementos de otras categorías literarias, sobre todo de la didáctica y la poesía".

⁷ Versão original: "[...] o subjetivo al mismo tiempo la esencia y la problemática del ensayo".

⁸ Versão original: "En la historia del ensayismo no es posible hablar de escuelas, únicamente de ensayistas y de imitadores" (GOMÉZ MARTÍNEZ, 1992, p.27)

⁹ Versão original: "Cuando digo que el ensayo es una forma de pensar, quiero indicar que está escrito al correr de la pluma, como diálogo íntimo del ensayista consigo mismo".

¹⁰ Versão original: "Yo mismo ando revoloteando hace rato, a vuestros ojos, en alas de la imaginación. Conviene frenar. Sólo he querido, en esta charla sin pretensiones, excitaros".

¹¹ Versão original: "[...] el género se convierte en una elevada manifestación estética, un regalo que el arte le hace al saber más riguroso".

¹² Versão original: "Reyes es toda una biblioteca para comprender el mundo. Para vivir".

¹³ Versão original: "La obra de Reyes es un océano en variedad de tonos y en amplitud de visión; difícil elegir entre sus libros, porque aun en los de intención y alcance menores hay siempre un paisaje iluminador e inolvidable" (OVIEDO, 1991, p. 79).

¹⁴ Versão original: "[...] ejercicios de intelección crítica desde [...] propia experiencia lectora".

¹⁵ Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/fermat/>> Acesso em: 11 fev. 2015.

¹⁶ Estudo da natureza e do universo físico.

¹⁷ Michel Faraday, 1791-1867, físico e químico inglês.

¹⁸ De acordo com Jafellici Junior e Varanda (1999, p.1), "[...] colóides são misturas heterogêneas de pelo menos duas fases diferentes, com a matéria de uma das fases na forma finamente dividida (sólido, líquido ou gás), denominada fase dispersa, misturada com a fase contínua (sólido, líquido ou gás), denominada meio de dispersão. A ciência dos colóides está relacionada com o estudo dos sistemas nos quais pelo menos um dos componentes da mistura apresenta uma dimensão no intervalo de 1 a 1000 nanômetros (1 nm = 10⁻⁹ m)."

¹⁹ Conforme o Dicionário Eletrônico Michaelis da Língua Portuguesa, "[...] fenômeno que causa uma reação química ou a alteração de sua velocidade pela adição de uma substância (catalisador), que aparece inalterada quimicamente no fim da reação".

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Centro Bíblico Católico. 13.ed.São Paulo: Ave Maria, 1998.

CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 24.ed. Tradução Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COSTA, Alexandre. *Zenão de Eleia e o exercício da Filosofia através do paradoxo: um ensaio acerca da intenção filosófica da dialética zenônica*. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/files/>>

previews/101067_preview.pdf> Acesso em: 29 jan. 2014.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO MICHAELIS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>> Acesso em: 22 ago. 2014.

GÓMEZ MARTÍNEZ, José Luis. *Teoría del ensayo*. México: UNAM, 1992.

JAFELICCI JUNIOR, Miguel; VARANDA, Laudemir Carlos. *O mundo dos colóides*. Disponível em: <<http://www.ceset.unicamp.br/~mariaacm/ST108/coloides.pdf>> Acesso em: 30 jan. 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAESTRE, Agapito. *Reyes Digital*. Disponível em: <<http://www.letraslibres.com/revista/letrillas/reyes-digital>> Acesso em: 22 ago. 2014

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

OVIEDO, José Miguel. *Breve Historia del Ensayo Hispanoamericano*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

_____. El universo de Alfonso Reyes. In: *Historia de la Literatura Hispanoamericana*. – 3. Postmodernismo, Vanguardia, Regionalismo. Madrid: Alianza Editorial S.A., 2002. p. 131-141.

PARRA TRIANA, Clara María. *El ensayo Hispanoamericano*. Subjetividad discursiva y participación intelectual. Disponível em: <www.armasyletras.uanl.mx/numeros/74-75/11.pdf> Acesso em: 21 ago. 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/>> Acesso em: 14 abr. 2014.

REYES, Alfonso. Palinodia del polvo. _____. *Visión de Anáhuac y otros ensayos*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2004. Colección conmemorativa 70 Aniversario.

SILVA, Fabio W.O. da. *A evolução da teoria ondulatória da luz e os livros didáticos*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbef/v29n1/a21v29n1.pdf>> Acesso em: 29 jan. 2015.

SKIRIUS, John. (Org.). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. 5 ed. México: Fondo de Cultura, 2004.

VITIER, Medardo. El ensayo como género. In: _____. *Del ensayo americano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1945.

“